

UMA PRÁTICA PASTORAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

A PASTORAL PRACTICE IN PANDEMIC TIMES

UNA PRÁCTICA PASTORAL EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Ewerton Ferreira da Silva¹

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é propor reflexão sobre a conduta que o pastor pode adotar ao liderar à comunidade cristã durante a pandemia. Em 2020, o mundo foi surpreendido pela disseminação do Covid-19, ou Coronavírus, que alterou significativamente o cotidiano e a vida humanas. Portanto, a comunidade cristã também sofreu com os efeitos do isolamento e do distanciamento social, da instabilidade econômica, do aumento dos distúrbios mentais, da perda repentina de pessoas amadas, etc. Em tal conjuntura, o pastor está diante de um enorme desafio: como liderar uma comunidade cristã fragilizada pelos efeitos da pandemia? Como auxiliar seus liderados sem se sobrecarregar? A partir de tais questionamentos, pretende-se avaliar a postura pastoral mais adequada no momento pandêmico.

Palavras-chave: prática pastoral; liderança cristã; pandemia; espiritualidade.

Abstract

This paper's main objective is to propose reflection on the conduct that the pastor can adopt when leading the Christian community during the pandemic. In 2020, the world was surprised by Covid-19's spread, or Coronavirus, which significantly altered human daily life. Therefore, the Christian community also suffered from the isolation and social estrangement effects, economic instability, of increased mental disorders, sudden loss of loved ones, etc. In such a situation, the pastor is faced with a huge challenge: how to lead a Christian community weakened by the effects of the pandemic? How to help his followers without overloading himself? From these questions, its intended to evaluate the most appropriate pastoral attitude in the pandemic moment.

Keywords: pastoral practice; Christian leadership; pandemic; spirituality.

Resumen

El objetivo principal de este trabajo es proponer una reflexión sobre la conducta que el pastor puede adoptar al conducir a la comunidad cristiana durante la pandemia. En 2020, el mundo fue sorprendido por la diseminación del Covid-19, el Coronavirus, que cambió significativamente el cotidiano y la vida humana. Por lo tanto, la comunidad cristiana también ha sufrido con los efectos del aislamiento y del distanciamiento social, de la inestabilidad económica, del aumento de los problemas mentales, de la pérdida repentina de personas amadas, etc. En esa coyuntura, el pastor está frente a un gran reto: ¿Cómo dirigir una comunidad cristiana fragilizada por los efectos de la pandemia? ¿Cómo auxiliar a sus seguidores sin sobrecargarse? A partir de esas cuestiones, se pretende evaluar la actitud pastoral más adecuada en ese momento de pandemia.

Palabras-clave: práctica pastoral; liderazgo cristiano; pandemia; espiritualidad.

1 Introdução

O cenário de pandemia que se instalou rapidamente trouxe diversos desafios que muitos não estavam preparados para enfrentar, como demonstram várias reações aos efeitos

¹ Acadêmico do curso de Teologia do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: ewertonariel@gmail.com.

do surto da doença. Portanto, a pandemia do coronavírus mudou a realidade para sempre de formas inimagináveis.

Um dos efeitos da pandemia é a insegurança. Situações de crise dessa magnitude levam a um profundo estado de insegurança sobre múltiplos aspectos, desde ir ao supermercado até a questão da morte. O medo desencadeia crescente ansiedade, depressão, entre outros distúrbios psicossomáticos; porque existem mais perguntas que respostas, o senso de estabilidade se esvai perante notícias desalentadoras, há maior busca por conforto através da espiritualidade. Isto posto,

Temas espirituais emergem com frequência quando os padrões costumeiros da vida são rompidos e a vida se torna questionável. Isso pode ser desencadeado por diversas formas de crises e acontecimentos que mudam a vida, experiências que transcendem a consciência cotidiana ou também uma insatisfação crescente, a experiência de uma carência, uma inquietação cada vez maior e a sensação de que falta algo essencial na vida. Quando isso acontece, algumas pessoas saem à procura: é um movimento de busca na profundidade, na esfera da religiosidade e transcendência. (DORST, 2015, p. 21).

Considerando que as crises proporcionam “terreno fértil” de retorno à espiritualidade, em busca de sentido e esperança, antes de refletir sobre a função pastoral em tempos de pandemia, convém ponderar sobre o papel da espiritualidade em momentos de instabilidade.

2 Espiritualidade como resposta à crise

A pandemia instalou um panorama predominantemente perigoso à saúde humana, dado o risco de contrair doença cujo quadro clínico pode rapidamente evoluir para o óbito. Isto despertou em todos inquietação e incerteza sobre seus planos, obrigou a repensar tudo ao redor. Sendo assim,

Uma enfermidade que ameaça a vida, como, por exemplo, o câncer, leva muitos atingidos a submeter sua vida a um exame. A doença impõe limites à possibilidade de planejar sua própria vida, muda prioridades. Ela pode ser entendida como um chamado especial da vida para mudar a valoração do que é importante e do que não é importante e levar a pessoa a perguntar criticamente pelo sentido do seu próprio modo de viver. Tal enfermidade é para muitas pessoas um *memento mori* [lembre-se de que terá de morrer], que as confronta com a vulnerabilidade e finitude da vida. (DORST, 2015, p. 22).

A pandemia de coronavírus impôs um cenário de crise mundial em todas as esferas da sociedade, as pessoas desejam se apoiar algo que as motive e impulsione a viver, um sentido à vida, pois, questionam-se sobre seus valores e o que é mais importante para elas. Portanto,

Justamente em crises da vida, nas situações de transição e nas rupturas da vida, em perdas repentinas de uma pessoa querida ou no diagnóstico de doenças que ameaçam a vida, irrompe a pergunta pelo sentido. As crises andam de mãos dadas com sentimentos de abandono existencial, impotência e ameaça. (DORST, 2015, p. 22).

Geralmente, quando em situação estável e segura, o ser humano não sente necessidade de buscar sentido à vida na espiritualidade, por não haver mudanças significativas no *status quo*, de modo que alguns até mesmo abandonam a fé. Entretanto, em situações como a pandemia, a autoconfiança desvanece rapidamente diante da ameaça letal de um agente biológico. Em vista disso,

[...] em nossa época há muitas pessoas que perderam sua fé em uma ou outra das religiões do mundo. Já não reservam nenhum lugar para ela. Enquanto a vida flui harmoniosamente sem ela, a perda não é sentida. Sobrevindo, porém, o sofrimento, a situação muda às vezes drasticamente. A pessoa procura então subterfúgios e começa a pensar sobre o sentido da vida e sobre as experiências acabruhadoras que a acompanham... As pessoas têm a sensação de que faz ou faria grande diferença se tivessem uma fé firme num modo de vida com sentido, ou em Deus e na imortalidade. O fantasma da morte que paira ameaçador diante delas é muitas vezes uma força motriz bem forte nesses pensamentos. (JUNG, 2015, p. 76).

O ser humano precisa se apegar a algo que o incentive a prosseguir sua existência, do contrário, a crise somente o levará ao puro desespero que, em casos drásticos, resulta em suicídio. Quando conscientemente se renuncia à fé, abdica-se de recurso com potencial para gerar resiliência necessária para enfrentar a crise. Consequentemente,

É até lamentável a perda dessas convicções. Tratando-se de coisas invisíveis e irreconhecíveis – Deus está além de qualquer compreensão humana, e a imortalidade não se pode comprovar – para que procurar testemunhos ou a verdade? Suponhamos que nada soubéssemos sobre a necessidade do sal em nossa alimentação, assim mesmo nos beneficiaríamos de seu uso. Mesmo admitindo que o uso do sal devesse ser atribuído a uma ilusão de nosso paladar, ou que ele procedesse de uma superstição, ainda assim contribuiria para o nosso bem-estar. Por que brigar por convicções que se mostram úteis nas crises e que podem dar sentido à nossa existência? Como saber se estas ideias não são verdadeiras? (JUNG, 2015, p. 77).

Buscar o sentido da vida na espiritualidade como resposta a um momento de crise é uma maneira de resgatar a motivação pessoal e reestabelecer a autoconfiança abalada. Através da consciência sobre a motivação para existir, apesar do sofrimento, desenvolve-se resistência para suportar a dor, embora sua crença se baseie em ideias que não podem ser provadas cientificamente. Por conta disto,

Por que nutrir ideias das quais sabemos que jamais poderão ser demonstradas? O único argumento empírico que se pode aduzir a seu favor é que são úteis e que são usadas até certo ponto. Dependemos realmente de ideias e convicções gerais porque

são capazes de dar sentido à nossa existência. A pessoa consegue suportar dificuldades inacreditáveis quando está convencida do significado delas, e se sente derrotada quando tem de admitir que, além de sua má sorte, aquilo que faz não tem sentido algum. (JUNG, 2015, p. 77-78).

Alicerçar a existência sobre firme convicção como estratégia de enfrentamento de crises é um dos ensinamentos de Jesus Cristo quando compara quem ouve e guarda suas palavras a alguém que constrói sua casa sobre a rocha. Com isto, Jesus enuncia a ideia de resiliência durante a crise, quando afirma que a pessoa que desenvolve sólida convicção tem maior resistência às dificuldades da vida:

Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e bateram com força contra aquela casa, e ela não desabou, porque tinha sido construída sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e bateram com força contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína. (Mt, 7, 24-27).

Quando se compreende que a espiritualidade é um recurso útil para enfrentar dificuldades, passa-se a procurar pessoas que possam auxiliar na jornada rumo ao transcendente. Isto posto, a figura do pastor se destaca como guia que orienta sobre o divino, assim como um pastor conduz o rebanho de ovelhas aos melhores locais de pasto. Quando o pastor assume a função de guia, precisa entender a necessidade de se relacionar com as pessoas e de que maneira a dinâmica das relações sociais foi afetada pela pandemia, para se conduzir adequadamente em sua liderança.

3 Relações sociais afetadas pela pandemia

Um dos mais visíveis e significativos efeitos da pandemia ocorre na dinâmica das relações sociais, visto que as medidas de enfrentamento do vírus levaram a um afastamento literal entre as pessoas, com *lockdowns*, isolamento e distanciamento social, transformado em afastamento social.

As relações sociais pré-pandemia já se desenvolviam sobre a esteira do desenvolvimento tecnológico que contribuía para um afastamento físico enquanto promovia proximidade virtual, como Bauman (2011) afirma:

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. Centradas no negócio à mão, estão protegidas da possibilidade de extrapolar e engajar os parceiros

além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida – ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpetrar. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão. (BAUMAN, 2011, p. 79).

Se a proximidade virtual, por meio do celular e das redes sociais, era realidade consolidada, qual seria a contribuição da pandemia para o desenvolvimento deste cenário? O isolamento e o distanciamento social aumentaram a necessidade de conexões humanas virtuais, de maneira que praticamente todos tiveram que se adaptar a essa nova realidade, independentemente do nível de habilidade com a tecnologia. O ensino tradicional presencial se tornou híbrido ao mesclar o presencial com o virtual, de maneira que não se tem mais contato físico com o professor e demais colegas de turma; o consumo de tecnologias de *home office* aumentou absurdamente, levando gestores de equipes a traçarem estratégias mais precisas de controle de desempenho; o aniversário ou chá de bebê é comemorado por videoconferência, ou *drive-thru*. A pandemia afastou as pessoas, causando sequelas às relações que padeciam em razão do distanciamento gerado pelo avanço da tecnologia, visto que as habilidades sociais enfraqueciam pela proximidade virtual entre as pessoas, atrelada ao modo de vida consumista. Portanto, Bauman (2011) considera que,

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu “valor monetário”. Na melhor das hipóteses, os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo, parceiros nas alegrias do consumo, cujas presença e participação ativa podem intensificar esses prazeres. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles por si mesmos, e por essa singularidade) estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor. (BAUMAN, 2011, p. 94).

Diante do exposto, indaga-se: como isto se reflete na comunidade cristã? Basicamente, o cristianismo é relacionamento, com Deus e as pessoas, o primeiro vertical e o segundo horizontal. Portanto, a supressão do aspecto relacional retira muito da essência no cristianismo, visto que o amor, a Deus e ao próximo, é o fundamento da fé cristã. Ao ser questionado sobre o mais importante mandamento da Torah Judaica, Jesus não hesita em afirmar ser o amor a Deus e ao próximo, conforme a seguinte passagem bíblica:

Chegando um dos escribas, que ouviu a discussão entre eles e viu que Jesus tinha dado uma boa resposta, perguntou-lhe: — Qual é o principal de todos os mandamentos? Jesus respondeu: — O principal é: “Escute, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e com toda a sua força.” O segundo é: “Ame o seu próximo como você ama a si mesmo.” Não há outro mandamento maior do que estes. Então o escriba disse: — Muito bem, Mestre! E com verdade o senhor disse que ele é o único, e não há outro além dele, e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e com todas as forças e amar o próximo como a si mesmo é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios. Vendo Jesus que o escriba havia respondido sabiamente, declarou-lhe: — Você não está longe do Reino de Deus. E ninguém mais ousava fazer perguntas a Jesus. (Mc, 12, 28-34).

Considerando o amor a Deus e ao próximo como princípios do cristianismo ensinados por Jesus Cristo, o pastor precisa ter consciência que o relacionamento com cada pessoa da comunidade cristã que lidera deve considerar não somente o coletivo, mas as individualidades. Sobre esta questão, pode-se afirmar que amar ao próximo “significaria então respeitar a singularidade de cada um – o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim o tornam um lugar mais fascinante e agradável [...]” (BAUMAN, 2011, p. 100).

É neste quadro de pessoas fragilizadas devido à crise imposta pela pandemia, e em meio a relações sociais debilitadas, que o pastor precisa agir — com precisão e discernimento — a fim de mitigar os efeitos da pandemia sobre as pessoas.

4 Guiando a igreja em meio à pandemia

Em situações tempestuosas como a que se vive em decorrência do surto do coronavírus, o pastor deve adotar postura sólida e estável para ser esteio à comunidade cristã sob sua responsabilidade. Para tanto, precisa entender o que contribui para que sua liderança transmita essa sensação de segurança.

Muitos pastores e líderes cometem o equívoco de se dedicar excessivamente ao trabalho pastoral em detrimento da vida pessoal, o que pode causar sobrecarga de atividades e comprometer a qualidade do serviço pastoral. Conforme dito anteriormente, o princípio do amor ao próximo está vinculado ao autoamor, isto é, a capacidade de amar ao semelhante é análoga a de amar a si.

Ora, se alguém não zela por si, que condições tem para ajudar as pessoas de sua comunidade cristã? Na Bíblia, há vários conselhos e Paulo a Timóteo, entre eles: “Cuide de você mesmo e da doutrina. Continue nestes deveres, porque, fazendo assim, você salvará tanto a si mesmo como aos que o ouvem”. (1Tm, 4, 16). Paulo recorda a Timóteo sobre o valor do autocuidado como pressuposto para o pastoreado, pois, Timóteo estaria forte o

suficiente para cuidar de outros se desenvolvesse o autocuidado. Tanto o autoamor registrado na máxima do amar ao próximo como a si mesmo quanto o autocuidado recomendado por Paulo requerem *voltar para si mesmo*, isto é, desenvolver um nível adequado de autoconsciência. Isto posto,

A autoconsciência é o primeiro componente da inteligência emocional – o que faz sentido quando se pensa que o Oráculo de Delfos deu o conselho de “conhece-te a ti mesmo” milhares de anos atrás. Autoconsciência significa uma compreensão profunda das próprias emoções, forças, fraquezas, necessidades e impulsos. As pessoas com autoconsciência forte não são nem críticas demais nem irrealisticamente esperançosas. Pelo contrário, são honestas consigo e com os outros. Pessoas com alto nível de autoconsciência reconhecem como seus sentimentos afetam a elas, as outras pessoas e seu desempenho profissional. (GOLEMAN, 2014, p. 12).

Todo pastor precisa desenvolver autoconsciência, pois, ao se conhecer melhor, poderá desenvolver o autocontrole, habilidade necessária em tempos de emoções humanas fortemente perturbadas pela pandemia. Mesmo o pastor não é imune aos efeitos da pandemia, está tão inserido neste quadro quanto os demais membros da comunidade cristã que lidera, portanto, “Os próprios líderes não estão imunes ao contágio do estresse. Mas um motivo para dedicarem algum tempo à compreensão da biologia de suas emoções.” (GOLEMAN, 2014, p. 118).

A Bíblia Sagrada registra que um homem dotado de autocontrole tem mais valor que um homem corajoso: “É melhor ter paciência do que ser herói de guerra; o que domina o seu espírito é melhor do que o que conquista uma cidade.” (Pv, 16, 32); em Gálatas capítulo 5, versículo 23, Paulo lista o domínio próprio como aspecto fruto do Espírito Santo.

É fundamental que o pastor não se deixe dominar pela enxurrada de situações calamitosas que afetam profundamente as emoções, do contrário, será ineficaz em seu labor pastoral, porque um pastor com emoções tão fragilizadas quanto a de seus liderados não tem nada a oferecer à comunidade cristã sob sua liderança, tornando-se um cego a guiar outros cegos, conforme disse Jesus em Lucas 6.39. Por mais difícil que pareça, é possível controlar os efeitos de nossas emoções, visto que,

Impulsos biológicos dirigem nossa emoções. Não podemos eliminá-los, mas podemos fazer muita coisa para administrá-los. O autocontrole, que é como uma conversa interior contínua, é o componente da inteligência emocional que nos liberta de sermos prisioneiros de nossos sentimentos. As pessoas engajadas em tal conversa sentem mau humor e impulsos emocionais como todas as outras, mas acham meios de controlá-los e até mesmo de canalizá-los de formas úteis. (GOLEMAN, 2014, p. 15).

Entender e dominar a si permite ao pastor estar condições de prestar o auxílio desejado por seus liderados, ainda que também esteja fragilizado pelas situações de crise. A pandemia acentuou a necessidade do pastor de buscar mecanismos de autogestão para cultivar a autoliderança, visto que

A autoliderança inclui a maneira de lidarmos com o tempo, a auto-organização, o próprio desenvolvimento emocional, social e espiritual. Disto faz parte, por exemplo, a autodisciplina, o estar orientado para os valores, além de uma boa comunicação. Melhorar continuamente, é esta a tarefa básica e decisiva do líder. Saber se conduzir; e este é o caminho para a personalidade do líder, para que ele tenha credibilidade e aceitação. (GRÜN; ASSLÄNDER, 2012, p. 20).

O surto do coronavírus afetou a todos em alguma esfera da vida. Entretanto, houve quem não sofreu diretamente os efeitos da pandemia, embora alguém próximo estivesse em condição vulnerável.

As pessoas estão cansadas emocionalmente enquanto lutam para sobreviver em um ambiente gradativamente mais instável, que testa a capacidade individual de aguentar pressões decorrentes da pandemia, sem saber se terão saúde ou meios de sustento no dia seguinte. Portanto, os líderes cristãos são necessários enquanto pessoas capazes de reação positiva diante da dificuldade, e por reação positiva entenda-se não meramente idealista ou utópica, mas firmemente disposta a gerar persistência, em jamais ceder ou desistir.

Enquanto indivíduo que acredita na espiritualidade e no relacionamento com o divino, o pastor precisa ter fé firme no Deus Criador de todas as coisas, que controla toda a história, a vida na Terra e o universo. A confiança em Deus é uma poderosa fonte de resiliência. É nisto que o salmista acredita ao afirmar que “Os que confiam no Senhor são como o monte Sião, que não se abala, mas continua firme para sempre.” (Sl, 125, 1).

Por meio da exposição bíblica, o pastor pode animar, consolar, orientar, instruir, corrigir, repreender a comunidade cristã liderada por ele de maneira mais coletiva, transmitindo às pessoas a importância de manter a confiança em Deus. A pregação é ainda uma das grandes ferramentas à disposição do pastor para comunicar palavras de fé e esperança ao povo. Veja como Paulo recomenda fortemente que Timóteo se mantivesse fiel à exposição bíblica através da pregação:

Diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu Reino, peço a você com insistência que pregue a palavra, insista, quer seja oportuno, quer não, corrija, repreenda, exorte com toda a paciência e doutrina. (2Tm, 4,1-2).

Embora a prédica seja importante ferramenta de transmissão da Bíblia Sagrada, o pastor precisa também lidar individualmente com seus liderados, e fatores como a quantidade de membros precisam ser considerados ao se realizar tratamento individual. Se a comunidade cristã for numerosa, a tarefa de estabelecer contato com a membresia pode ser descentralizada, distribuída entre pastores auxiliares. Seja pequena ou grande, o importante é a comunidade cristã reconhecer a presença do pastor como líder à disposição da congregação, facilmente localizado e contatado. Neste sentido, vale recorrer às redes sociais, aos aplicativos de mensagens instantâneas e às videoconferências para se comunicar saudavelmente com a membresia e criar vínculos afetivos para apoiá-la.

4 Considerações finais

Ao refletir sobre os efeitos da pandemia na humanidade, percebe-se nas pessoas um medo maior da morte. Entretanto, pode-se aproveitar essa oportunidade para implementar a conscientização sobre um melhor aproveitamento da vida. A morte é inevitável, mas os momentos de crise, como os gerados pela pandemia, provocam também revisão de valores e prioridades. Em vista disto,

Em confronto com a morte, a vida nos parece sempre como um fluir constante, como a marcha de uma relógio a que se deu corda e cuja parada afinal é automaticamente esperada. Nunca estamos tão convencidos desta marcha inexorável do que quando vemos uma vida humana chegar ao fim, e nunca a questão do sentido e do valor da vida se torna mais premente e mais dolorosa do que quando vemos o último alento abandonar um corpo que ainda há pouco vivia. (JUNG, 2015, p. 278).

A certeza da morte não é mera expectativa, mas tem muito potencial para compelir à reflexão sobre o significado da vida e das relações com outros seres humanos. A atuação pastoral em tempos de pandemia considera a realidade da morte para incentivar as pessoas a lidarem melhor com o tempo, o dinheiro, os relacionamentos e os valores morais. O pastor precisa ser sensível à realidade incerta vivida por seus liderados, como um farol que direciona os desorientados a um porto-seguro, isto é, Deus.

As reflexões apresentadas neste artigo são um convite ao pastor para assumir uma postura de serenidade perante a comunidade cristã, dotado da percepção de que sua prática pastoral tem forte impacto sobre pessoas ansiosas, nervosas e carentes de afeto, de uma palavra animadora, de um abraço. Lidar com sentimentos humanos não é uma tarefa fácil, e em cenários de crise é ainda mais desafiador. Portanto, há dois caminhos a seguir: o primeiro é abraçar o desespero e lamentar a situação difícil enquanto a vida definha lentamente; o

segundo é depositar a esperança em Deus e achar nele força vital para seguir. O pastor que ama suas ovelhas tomará todas as medidas necessárias para conduzir o rebanho de Deus pelo segundo caminho.

Referências

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011. *E-book*.

BÍBLIA. Português. *In*: Nova Almeida Atualizada [on-line]. [s.l.], 2017. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/naa/index>. Acesso em: 4 nov. 2021.

DORST, Brigitte. **Introdução para Espiritualidade e transcendência, de C. G. Jung**. Seleção e edição de Brigitte Dorst. Trad. Nélio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015. *E-book*. p. 8-30.

GOLEMAN, D. **Liderança**: a inteligência emocional na formação do líder de sucesso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. *E-book*.

GRÜN, A.; ASSLÄNDER, F. **A arte de ser mestre de si mesmo para ser líder de pessoas**. Petrópolis: Vozes, 2012

JUNG, C.G. **Espiritualidade e transcendência**. Seleção e edição de Brigitte Dorst. Trad. Nélio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015. *E-book*.